



Relatos de trajetórias com o rádio - hábitos, contextos e ambiências de escuta¹

Graziela Bianchi²

Resumo

O presente artigo traz reflexões que foram realizadas no âmbito da análise desenvolvida na tese “*Midiatização Radiofônica nas Memórias da Recepção – marcas dos processos de escuta e dos sentidos configurados nas trajetórias de relações dos ouvintes com o rádio*”, defendida em 2010, e que investigou a trajetória de escuta de radiouvintes idosos, entrevistados na cidade de Porto Alegre. Neste artigo são tratados especialmente alguns dos principais aspectos de uma vivência contínua com o rádio. Há a preponderância na abordagem de questões que dizem respeito aos hábitos, contextos e ambiências de uma escuta radiofônica que acompanhou o percurso de vida desses ouvintes. O texto aqui construído é uma mescla de reflexões estabelecidas, e entremeado pelos relatos dos ouvintes participantes da pesquisa.

Palavras-chave: Memória Radiofônica; Radiouvintes; Trajetória de Escuta.

As elaborações contidas neste trabalho estão relacionadas às questões que foram refletidas na tese “*Midiatização Radiofônica nas Memórias da Recepção – marcas dos processos de escuta e dos sentidos configurados nas trajetórias de relações dos ouvintes com o rádio*”, e que buscou compreender a maneira como os processos de escuta do rádio foram se configurando e participando na conformação de uma memória *midiática radiofônica* de ouvintes, hoje idosos, e constituindo assim parte de suas *histórias de vida midiática*.

Reflete-se então sobre como a *cultura midiática radiofônica* se desenvolve e gera sentidos, buscando descrever e analisar tais processos de uma perspectiva dos ouvintes. Ao elaborar questionamentos referentes à *memória midiática*, se está falando não de um simples acionamento de uma lembrança marcante, mas da marca de um forte relacionamento histórico e vital com o midiático, que possibilita aos ouvintes desenvolver a capacidade de estabelecer relações, de realizar comparações, de configurar competências radiofônicas e matrizes de gosto, fazendo com que passado e presente de referências midiáticas possam dialogar. É o desenvolvimento da *história de*

¹Trabalho apresentado no GP Mídias Sonoras, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Doutora em Ciências da Comunicação. Professora Adjunta na Associação Educacional Luterana Bom Jesus (Joinville/SC). Email: grazielabianchi@yahoo.com.br.



vida radiofônica de sujeitos radiouvintes, e que tem o seu valor também como história midiática, pois é vivenciada, está inscrita nas memórias, é parte de toda uma experiência vivida com o midiático. Os radiouvintes relacionados são habitantes de Porto Alegre/RS. Fundamentalmente, o trabalho se desenvolveu no intuito de responder à seguinte questão, que norteou centralmente a investigação: *como os processos de constituição do rádio como mídia se concretizam nas trajetórias de escuta constituídas como memória radiofônica na recepção?*

Ao indagar como os processos de escuta do rádio foram se configurando e participando na conformação de uma memória midiática radiofônica de ouvintes hoje idosos, e constituindo assim parte de suas histórias de vida midiática, está se refletindo sobre como a cultura midiática radiofônica se desenvolve e gera sentidos, buscando descrever e analisar tais processos de uma perspectiva dos ouvintes. E para refletir sobre esse conjunto de questões, foi crucial o trabalho a partir de conceitos como *habitus* (BOURDIEU, 2007), *mediações* (MARTÍN-BARBERO, 1998), *cultura midiática* (MATA, 1991, 1999); *memória* (BOSI, 1994; HALBAWACHS, 2004; POLLAK, 1989; SARLO, 2005), entre outros, que auxiliaram de maneira fundamental no entendimento dos processos de escuta radiofônica em trajetória.

No âmbito das principais indagações levantadas pela tese, é possível ainda destacar alguns pontos de questionamento: como os contextos da produção e de oferta radiofônica, relacionados a gêneros, programas, personagens, se relacionam com as marcas da memória radiofônica dos ouvintes? Como os aspectos constituintes da linguagem radiofônica (oralidade, sonoridades, musicalidade) participam na configuração das marcas da memória radiofônica?

No que diz respeito à recepção, a questão central da investigação se desdobra, considerando dimensões vistas como cruciais para a sua compreensão: que usos, apropriações, significações, pactos, recusas relativos a gêneros, emissoras, programas, protagonistas e linguagem radiofônica se configuram nas marcas da memória dos ouvintes a partir da sua trajetória de relações com o meio? Que competências radiofônicas se configuram e marcam essa trajetória de relações com o rádio? De que maneira mediações relacionadas ao *cotidiano* - rotinas, trabalho, relações familiares e sociais, competências culturais e vinculações com outros meios - participam na constituição das marcas da memória radiofônica? Que mudanças e redefinições se processam e marcam a trajetória de relações com o rádio e que aspectos estão



implicados nestas reconfigurações? Como a cultura radiofônica constituída na memória dos ouvintes se relaciona com o consumo radiofônico presente?

A relevância em se considerar aspectos como hábitos, contextos e ambiências de escuta para compreender a trajetória de ouvintes com o rádio advém do fato de serem eles cruciais para se poder entender e relacionar algumas das manifestações que ocorrem na escuta radiofônica. Eles trazem subsídios que possibilitam compreender como o rádio participa nos ambientes em que é ouvido, como os diferentes contextos configuram apropriações da escuta, bem como os diferentes ambientes em que ela acontece.

Radiouvintes e suas trajetórias de escuta

No decorrer da trajetória de vida com o rádio, esses aspectos mostram diferenças na forma como são relacionados. De uma maneira preponderante, é possível observar dois fenômenos que se manifestam no que diz respeito a hábitos e contextos da escuta radiofônica. O primeiro deles tem relação com o tempo destinado para a essa atividade, o segundo, com os ambientes onde a escuta acontecia.

Os relatos dos entrevistados³ dão conta que, em anos passados, caracterizados pelo período laboral desses indivíduos, hoje idosos, desenvolvia-se uma escuta quantitativamente menor, com menos horas diárias escutadas. Neste sentido, a entrevistada Laura, por exemplo, traça comparativos entre o tempo para a escuta no passado e no presente. *“Como eu vou te dizer, entre 18 e 22 anos, eu quase não tinha tempo de escutar, escutava muito pouco, porque eu sempre trabalhei. E de noite, chegava, ia dormir, e deu”* (Laura, 69 anos).

Também se observa a existência de diferentes contextos de escuta, relativizando, naquele momento (passado), a supremacia da casa como o lugar habitual da escuta. A moradia dividirá então o espaço com o ambiente de trabalho nesse universo de relacionamento com o rádio. E se no ambiente doméstico, muitas vezes são necessárias negociações relativas a horários e espaços, quando a escuta acontece no trabalho, essa relação fica ainda mais exacerbada.

³No contexto de Porto Alegre, participaram da investigação cinco radiouvintes, que tiveram sua trajetória com o rádio analisada e refletida em profundidade.



Existem também os relatos onde a negociação é possível. Esse é o caso de Sidnei, que durante muitos anos de trabalho, promovia uma escuta compartilhada com os colegas:

Nós tínhamos som na agência onde eu trabalhava, tinha som ambiental, lá tinha todo o pessoal que trabalhava, ficava na possibilidade de ouvir uma música suave. E naquela época eram encantadoras. Hoje, os conceitos de música estão mais para ruído do que música. (Sidnei, 75 anos)

Quando a casa é o ambiente onde a escuta acontece, é possível observar, em maior escala, a multiplicidade de horários da audiência, tipos de aparelho, lugares ocupados pelo mesmo e, ainda, negociações com outros membros da família. Esses arranjos familiares que envolvem a escuta, por vezes envolvem também disputas, que não necessariamente gerarão grandes conflitos, mas em alguns momentos elas se revelam.

Até hoje eu escuto um pouco de TV, mas ao lado da minha cama está o rádio. Eu prefiro o rádio, daí eu ligo o rádio, às vezes, se o programa está meio ruim, eu abaixo o programa da televisão e levanto o rádio. Até hoje faço isso, rádio e TV. A minha mulher diz: pronto, já ta como os dois? Aí ela liga a TV e eu boto o rádio bem baixinho, só pra mim, às vezes boto até o fone”. (Floduardo, 74 anos)

Na casa, cada um dos ouvintes vai estabelecendo as suas rotinas, de acordo, entre outros fatores, com as negociações que se estabelecem, os horários que dispõe para a escuta e fazendo com que o rádio ocupe o espaço que melhor convém ao momento (seja ele no transcorrer do cotidiano presente, ou nas memórias de um dia-a-dia já vivido). O depoimento de Plauto ilustra esta questão: *“Eu me sento aqui, ponho o rádio aqui onde tô sentado. Então tô ouvindo assim a programação. Fico mais sentado, porque de dia a gente não tem muita coisa para fazer”*. (Plauto, 80 anos)

E no contexto do ambiente doméstico, existem diferentes locais onde há preponderância e preferência pela realização da escuta: a cozinha e o quarto, em uma perspectiva presente, e a sala, quando considerada a escuta passada.

De manhã eu me levanto e primeiro eu vejo o jornal, na TV. Seis horas da manhã eu vejo o jornal no cinco, nisso eu ainda estou deitada. Depois eu vejo metade do jornal das 6h30, ainda deitada no meu quarto. Eu sempre tenho que controlar horário pra tudo. Daí depois eu desligo, faço minhas orações, daí boto mais um pouquinho. Aí digo, vou tomar banho. Saio do meu quarto. Depois eu volto e ligo de novo,



aí já são 7h. Eu vejo o início do Dia a Dia, no 10. Aí então eu vou pra cozinha tomar café, desligo a televisão e depois é direto na Caiçara, até a hora que eu precisar sair pra rua. (Laura, 69 anos)

Além do componente cultural, estão também presentes as próprias questões inerentes ao desenvolvimento tecnológico do meio. A característica da portabilidade, que foi sendo crescente com o passar dos anos, também foi responsável pela mudança do rádio das salas para os quartos e cozinhas. Aparelhos cada vez menores, com preços mais acessíveis, foram garantindo a popularidade crescente para o meio, através da difusão cada vez maior dos aparelhos. *“Eu deito mais ou menos 21h, 21h15, por aí. Mas não durmo, eu fico escutando rádio”*. (Floduardo, 75 anos).

A partir daí, os próprios contextos de escuta passaram a gozar cada vez menos de formalidade. A conduta de “parar para escutar o rádio”, muito comum e seguida nos primeiros tempos com o rádio (infância, adolescência e princípios da idade adulta dos entrevistados), passa, pouco a pouco, a dar espaço para os contornos que hoje são predominantes na escuta radiofônica. O rádio passa então a ser o “companheiro”, o som ambiente, e a negociar com as demais atividades do cotidiano. *“Eu, às vezes quando estou fazendo alguma coisa, ponho um somzinho musical bonito; deixa o pai ouvir um pouquinho, eu digo pro pessoal”*. (Plauto, 80 anos)

Alguns hábitos, com o passar do tempo, vão sendo modificados também em função de mudanças decorrentes da criação de novos gostos, ou de novas recusas. Se algumas preferências permanecem, outras são modificadas, substituídas, ou sobrepostas. A possibilidade de diferentes arranjos é grande, e incidem, de maneira direta, na forma e no tempo dispensados à escuta.

O que eu não gosto mesmo são as músicas mais recentes, que são músicas pornográficas, músicas que atentam à moral e aos bons costumes e que são muito permissivas. Isso não me faz bem porque eu acho que cada um deve ter a sua privacidade e não agredir a privacidade dos outros. Esse tipo de música eu detesto, não ouço e faço questão de ignorar se passo em uma rádio. (Sidnei, 75 anos)

O rádio mudou pra melhor, até o som mesmo, o som é mais sofisticado agora, naquele tempo era... mudou muito, e a programação também. A mudança foi positiva. Antigamente eles improvisavam muito. Hoje em dia tem a tecnologia. (Floduardo, 74 anos)

É possível afirmar que o rádio, na vida de quem com ele se relaciona cotidianamente, vai tendo seus momentos de escuta ajustados de acordo com os demais



elementos da realidade de cada indivíduo. Em que horários a escuta acontece, realizando qual atividade, faz parte de um *habitus* de escuta que vai sendo diariamente renovado.

A multiplicidade de sentidos que os ouvintes relacionam à escuta é decorrente da longa trajetória que foi sendo vivida com o rádio. Os anos que transcorreram em companhia do meio, dotaram os ouvintes de uma série de competências relativas à escuta. A audiência em trajetória foi criando não somente os gostos, as competências e a capacidade de estabelecer relações, compreender as maneiras de como o rádio era feito (em termos da programação que ofertava, dos personagens que apresentava). A escuta que se desenvolve no tempo cria no radiouvinte vínculos muito fortes com a sua própria vida. Ouvir o rádio já não é uma atividade que se relaciona somente com a informação, ou o entretenimento. Esse ato movimenta sentimentos, desperta lembranças, cria cenários mentais. São vinculações que adquirem uma força muito grande, pois se estabelecem com os acontecimentos da vida em geral, seja na família, no trabalho, nos relacionamentos.

Em muitos casos, o que o rádio trás, ou trouxe, tem a ver com o que já não está mais na vida. Tem a ver com perdas, ou simplesmente, com situações que já não podem mais se repetir. Para alguns ouvintes, essa característica é encarada com naturalidade. Outros tentam se afastar, tentando assim afastar o seu próprio sofrimento. E em alguns casos, ainda, a escuta de rádio ajuda a superar, e\ou amenizar, a solidão ou a ausência de quem faz muita falta. *“Porque a gente sempre deita, mas fica olhando pro lado da cama e ela não está, a minha esposa. Então me dá aquela tristeza, aí vou escutar o rádio, depois, viro pro lado e já durmo”* (Plauto, 80 anos).

Mas no fundinho, no fundinho, eu sempre era muito infeliz, e o rádio, nesse tempo, não me trazia alegria, porque eles cantavam quase tudo música de amor, e se era uma tristeza, parece que estavam cantando o meu caso. E aí eu procurava ficar mais fora de casa, porque dentro de casa era muito triste”*(aqui a narração de uma época em que deixou momentaneamente o rádio, quando se separou)*. (Valkíria, 69 anos)

Informação, primeiros anos com o rádio e inovações tecnológicas

Durante toda a trajetória com o rádio, o valor atribuído à *informação* se apresenta de maneira bastante forte. Na juventude, e também na idade adulta, no



período laboral, a informação era valorizada pelos assuntos que poderia oferecer como subsídio para comentários com amigos e colegas, ou mesmo tinha seu valor pelo hábito que ela foi instituindo durante os anos.

O grande ícone do radiojornalismo nas memórias dos radiouvintes é o *Repórter Esso*. Nas narrativas dos entrevistados, são expressas desde a música que caracterizava a vinheta de abertura, até o formato e horário em que o programa era apresentado.

Tinha o Repórter Esso. Era as oito horas da noite. Aquilo era sagrado. As sete horas tinha aquele horário nacional né, mas a gente não dava muita bola pra esse, como é? A Voz do Brasil. Depois sim, às 20 horas, O Repórter Esso (canta a música de abertura). Aquela musiquinha... (Valkiria, 69 anos)

Notícia sempre teve. Teve um programa muito famoso, ele esteve anos no ar, O Repórter Esso, esse ficou anos no ar. Há pouco faleceu o titular do programa, eu não lembro o nome dele, agora me fugiu. Era famoso e tinha uma voz bonita, mas agora já era idoso. Ele tava desde o tempo da Guerra. Na Segunda Guerra tinha esse programa. E tinha aquela música, que às vezes a gente ainda ouve por aí. (Floduardo, 74 anos)

Na atualidade, a busca pela informação segue sendo parte de um hábito de escuta, mas também tem se revelado cada vez mais como uma necessidade. Hoje, existe um valor ainda maior em ser uma pessoa bem informada. E para os entrevistados, o rádio é um aliado nessa tarefa.

Antes, em tempos passados, os participantes da pesquisa viveram um período onde a *informação* vinha primordialmente via rádio. Com o passar do tempo, e principalmente após a introdução da televisão, a informação passou a ser obtida a partir de múltiplas entradas.

Esse foi um processo que foi se dando devagar na vida dos entrevistados. Foi no transcorrer do tempo que puderam ir desenvolvendo seus *habitus comunicacional* e trabalhando também o espaço destinado a cada meio de comunicação, com uma dedicação especial para a televisão. Hoje, a relação com cada meio de comunicação passa por processos de negociação, para que nada do que é importante para cada um seja perdido.

Eu prefiro o rádio, mas aí eu ligo o rádio e às vezes se um programa está meio ruim, daí eu baixo o programa da televisão e levanto o rádio. Até hoje eu faço assim, rádio e TV. A minha mulher só diz: ih, já ta com os dois. Aí ela liga a TV e eu boto o rádio bem baixinho só



pra mim, às vezes eu boto o fone. Até o final da tarde eu escuto a Pampa, aí eu tomo banho e se eu to sozinho em casa, das seis em diante eu boto na Bandeirantes pra escutar... tem um cara que é crítico, que ele marreteia, como é, é noticioso também...o Datena. A mulher não gosta, diz que ele só fala de crime e morte. Depois tem uma novela, aí ela bota na novela e eu paro de ver o Datena. Aí eu não vejo mais. Quando ela está vendo novela eu fico lendo. Depois, eu deito mais ou menos nove, nove e quinze, mas não durmo, eu fico escutando rádio. Escuto até dez e pouco, daí eu coloco no canal quatro, da TV. Aí eu vejo a Luciana, ela faz de tudo ali né. Na quarta é o dia que ela faz o desfile, mas aí eu faço o seguinte: se tem futebol, eu vejo futebol. Aí no intervalo eu boto no desfile⁴ (risos). Esse programa vai até umas onze e meia, mais ou menos. Aí eu desligo e coloco no rádio de novo. Escuto o noticioso. Se o sono não me pegou, eu vejo o Jô. Dou uma olhada no que ele vai apresentar, e se não me interessam, aí eu desligo. É assim que eu faço”. (Floduardo, 74 anos)

Hoje, vivemos o desenvolvimento acelerado da era digital. E o rádio também acompanhou esse movimento de expansão, enquanto meio técnico e enquanto mídia, até chegar ao presente estágio. O meio passou por fases distintas e marcadas. O primeiro desafio ocorreu no início do seu desenvolvimento, quando precisou ir consolidando seu espaço, criando e organizando programações, conquistando e fidelizando públicos. Aos poucos, o número de emissoras de Amplitude Modulada (AM) foi aumentando, bem como se mostrando crescente o número de ouvintes. Com o desenvolvimento e a consolidação do rádio como meio de comunicação mais consumido pela população, havia o espaço para a diversificação de programas, dando ao ouvinte a possibilidade de uma gama bastante grande de escolha. Esse movimento apresentou-se eficaz, quanto mais o rádio ofertava, mais o público consumia.

Na década de 70, surgem as emissoras em Freqüência Modulada. O desenvolvimento acontece gradativamente e ocorre primeiro nas metrópoles, para depois ir ganhando espaço no interior do país. Como característica principal, a música, ocupando a maior parte de sua programação. Nos anos 90, começam a despontar as emissoras caracterizadas como *all news*, marcadas especialmente pela característica de apresentarem notícias em tempo integral. Com o desenvolvimento e expansão cada vez mais intensa dos recursos tecnológicos em nossas sociedades, e sendo estes utilizados também pelos meios de comunicação, pode-se dizer que o estágio mais recente que o rádio tem vivenciado diz respeito à possibilidade de acessar emissoras através da internet.

⁴Desfile de lingerie, no programa *Superpop*, apresentado por Luciana Gimenez, nas quartas-feiras, na emissora RedeTV.



Em outras épocas, o acesso passava pela limitação de alcance das ondas de transmissão. Hoje, vive-se um tempo em que a dependência das ondas para sintonizar uma emissora de preferência já não é um obstáculo intransponível. A possibilidade de acessar emissoras de rádio, via internet, ampliou enormemente a gama de escolhas do que se ouvir. Não só as emissoras tradicionais estão na rede, como também é possível o acesso a rádios que foram criadas especialmente para serem ouvidas pela internet. Também foi viabilizada a oportunidade de se ouvir emissoras de outros países, que, a não ser pela via *on line*, nunca poderiam ser acessadas.

No entanto, é revelado um fato bastante característico da audiência pesquisada, especialmente se for considerada a faixa etária a qual se encontram. Para indivíduos que não cresceram em uma época de desenvolvimento tecnológico acelerado, como a que experienciamos agora, não tem sido uma tarefa fácil a adaptação as possibilidades oferecidas pelo uso de novas formas de acesso aos meios de comunicação. Mesmo o contato com o computador, meio pelo qual poderiam ter acesso ampliado às emissoras das mais diferentes naturezas, não se apresenta como fácil.

Esses fenômenos ocorrem, em parte, pela dificuldade de relacionamento que os entrevistados idosos demonstraram quando o assunto em questão é o uso da tecnologia, pensando, nesse caso, no computador. Por outro lado, isso não parece afetar de maneira substancial as suas vidas, e menos ainda a relação com o rádio. A trajetória de escuta que foi sendo construída ao longo da vida, e hoje mais ou menos estabelecida, lhes parece suficiente. Nessa altura da existência, os *habitus* de escuta já estão, de certa forma, consolidados. E sendo assim, a inserção do rádio via *on line* se mostra como desnecessária para boa parte dos entrevistados.

Indiscutivelmente, o rádio foi uma experiência inovadora sob vários aspectos na vida em sociedade. Um objeto completamente novo passou a fazer parte dos sonhos de consumo das famílias, ter um rádio passou a ser símbolo de status, de modernidade. No entanto, possuir um aparelho não foi uma tarefa fácil, pelo menos para a maioria das pessoas. Os primeiros tempos de audiência foram então marcados pela escuta compartilhada. Em alguns casos, aconteciam reuniões para vivenciar coletivamente esses momentos.

A narrativa dos *primeiros anos* com o rádio é sempre dotada de lembranças que remetem aos mais diversos sentidos. São movimentos que refletem a escassez material que se deu em um determinado período vivido, o nível de desenvolvimento técnico-tecnológico de uma época, a reação de uma sociedade mediante um fato novo e com



grande repercussão. O surgimento do rádio representou mais que um acontecimento que refletiu um avanço para a sociedade, ele marcou a vida das pessoas que compartilharam esse momento.

Suas trajetórias foram afetadas para sempre por essa história. As narrativas dão conta de que esse foi um acontecimento que teve uma repercussão pessoal muito forte. As memórias estão relacionadas, sim, às dimensões técnica e econômica do fato, bem como em uma perspectiva social. Mas também existem marcas substanciais nestas memórias de como a chegada do rádio foi experienciada na vida de cada ouvinte, como e porque esse fato marcou a vida de cada um.

A primeira coisa que eu conheci na minha vida foi galena. Como eu vou te dizer, era de botar no ouvido, era rádio, mas só pra quem escutava aquela rádio. Isso aí eu conheci na casa da madrinha da minha mãe, só tu colocava no ouvido, só tu escutava as músicas, só tu ouvia o locutor falar. E isso aí foi o que, 49, 50”. (Laura, 69 anos)

A riqueza de detalhes contida na narração das experiências revela uma ligação intensa com o meio de comunicação que, desde o princípio, foi além de um vínculo relacionado à busca pela informação, ou entretenimento. A inserção do rádio na vida dos ouvintes também foi sendo relacionada a fatos importantes da vida de cada um. A escuta de rádio tem a ver com as ligações familiares, com os contextos vinculados àqueles primeiros anos de audiência, com as dificuldades ou alegrias vividas, e a respectiva vinculação com a presença do rádio, com a vida compartilhada com pessoas que hoje já não estão mais aqui, entre muitos outros aspectos.

Os relatos que dão conta da *chegada do rádio* na vida das pessoas mostram o fato como um acontecimento que, em diferentes níveis e sentidos, transformou a vida dos ouvintes. A chegada da *televisão* atua em termos bastante semelhantes. Ela modificou alguns dos *habitus* das pessoas de uma maneira geral, como também fez com que o uso de outros meios, principalmente o rádio, tivesse que ser negociado. O fato da novidade, do fascínio que a imagem passou a exercer, e também a dificuldade que era obter esse bem de consumo, fizeram com que a televisão fosse conquistando um espaço importante na vida de sua audiência.

Em primeiro lugar, a televisão era um objeto de consumo de alto nível, para pessoas de alto nível econômico. O processo era muito seletivo. Então, quem tinha uma televisão, era um negócio. Depois, teve a questão da televisão para o interior. Era muito problemático.



Problemático, e às vezes, como não tinham estações repetidoras, tinha a questão crucial que era ter uma boa antena. E às vezes, não só uma boa antena, mas o local onde essa antena estava. Às vezes eu colocava uma antena de televisão num ponto bem alto e o sinal que se ganhava no ponto alto da antena se perdia na linha. Naquela época as televisões, a Piratini, que foi a pioneira, tudo da rede Tupi. Programação local, era pouquíssima, quase nada. Mesmo porque não tinha curso, não tinha pessoal preparado. A primeira vez que vi TV funcionando foi em Pelotas, numa demonstração da Philco, no Clube Caixerai, em dezembro de 1955. Até ganhamos uma flâmula. Essa foi a primeira demonstração pública de TV em Pelotas. Foi um espetáculo, foi em frente à praça, tinha mais de 10 mil pessoas assistindo (Sidnei, 75 anos).

Aos poucos, a televisão deixou de ser novidade e passou a ser incorporada no cotidiano. Se no começo ela pode até mesmo ser vista como uma forte concorrência para o rádio, ou até mesmo uma ameaça, com o passar do tempo, ela foi cada vez mais ocupando seu próprio espaço na vida dos indivíduos. Hoje, tendo à disposição a variedade de possibilidade de acesso a diferentes meios, o receptor sabe diferenciar e escolher aquilo que prefere. Na organização que estabelece para o consumo de mídias, sabe o que buscar em cada meio. A questão passa muito mais por uma idéia de complementaridade do que de oposição de um meio frente a outro.

Ao mesmo tempo em que surgia a televisão, abrindo um universo de novas possibilidades, o rádio, enquanto utensílio doméstico, também passava por transformações. A principal delas está relacionada à *portabilidade* que o aparelho foi adquirindo. Se antes o rádio era um móvel da casa, onde as pessoas se colocavam ao redor ou defronte, com o passar do tempo ele foi se tornando cada vez menor, possibilitando ser transportado facilmente para qualquer lugar desejado.

Minha mãe foi uma das pioneiras em rádio portátil. O pai comprou não sei de quem, mandou buscar, que o pai era muito assim de rádio, de música, coisas assim. O pai era muito de cultura, embora não tivesse estudo. Era um rádio portátil branco. Eu era pequena nessa época, a gente fazia uns piqueniques no Lami, em Belém Novo, as águas ainda não eram poluídas, e aí eu lembro que a mãe levou, ele era mais ou menos maior que um tijolo, o rádio. Ele abria uma tampa pra cima, não era fechado que nem os de hoje, e ali ela mudava de estação. Vinha gente de tudo que era lado para ver aquilo, um rádio portátil, branco. Mas me lembro bem daqueles grandes também, arredondados, que existiam antes dos portáteis. Nosso vizinho era alfaiate e tinha um daqueles. Já hoje, eu tenho rádio no meu quarto, na sala, na cozinha. Às vezes, acontece de cada um estar ligado em uma estação, e mais de um ligado ao mesmo tempo (risos). Meu ex-marido também gostava muito de rádio. Lembro que ele comprou um radinho portátil, e era assim, a gente sempre colocava os dois



travessieiros e o rádio embaixo, com aquela música boa. Até hoje eu gosto de um rádio bem baixinho no meu ouvido. (Valkíria, 69 anos)

O sentido da escuta radiofônica

A *importância atribuída ao rádio* durante toda a trajetória de escuta dos ouvintes passou por transformações. É clara a percepção de que o rádio nem sempre desempenhou o mesmo papel ou função na vida dos ouvintes. Como a vida das pessoas, o gosto pelo rádio foi sendo modificado. Ele nunca desapareceu, mas teve re-significações durante a vida. E isso também porque o rádio mudou. Dos primeiros anos de escuta até hoje, muitas coisas foram sendo transformadas. Emissoras que modificaram suas programações, algumas que deixaram de existir, outras que surgiram.

E essas mudanças vivenciadas no contexto radiofônico são percebidas e refletidas pelos ouvintes. A percepção existente é que o rádio já passou por momentos muito bons, marcantes. Os entrevistados percebem com muita clareza o que a história dos meios convencionou chamar de Era de Ouro do rádio. Estabelecem as relações entre o rádio no passado e o rádio no presente, citando a anterior escassez de opções, e a multiplicidade de oferta disponibilizada pelos múltiplos meios hoje. Existe a expressão de saudade por programas, gêneros ou emissoras que já não existem mais. No entanto, há também a reflexão sobre a necessidade de desenvolvimento, e a satisfação ao perceberem as novas possibilidades que podem se abrir, especialmente em função do uso cada vez maior de elementos tecnológicos.

A escuta é um processo que não ocorre isoladamente, ela é parte de múltiplos contextos. São diferentes mediações que, ao longo da existência do indivíduo, vão participando das suas relações com as mídias. Continuidades e discontinuidades que se estabeleceram de forma intensa na maneira dos ouvintes se relacionarem com o rádio. Nenhuma das trajetórias de escuta investigadas na tese foi marcada pela completa continuidade, tampouco foi descontínua em todas as suas características. O percurso construído por cada indivíduo na sua história de relação com o rádio propicia observar um panorama muito rico de múltiplas configurações.

A infância e a juventude foram os períodos em que a história com os meios começa a se configurar. A época da infância dos entrevistados, situada nas décadas de 30 e 40 do século XX, coincide com o período em que o rádio estava construindo seu



caminho. Emissoras buscavam cada vez mais atrair novos públicos, bem como fidelizar os já conquistados. As programações passavam a oferecer cada vez mais opções, e quanto mais opções ofertavam, mais os ouvintes iam criando e desenvolvendo o gosto. Gosto esse que é fruto também dessa escuta que se desenvolve no tempo. E não apenas o tempo está envolvido nesse processo que acontece na recepção, mas ele é fruto também do que as emissoras passaram a ofertar, dos modos como essas relações vão se estabelecendo. Junto ao gosto, também estará presente o *habitus*. Essas lógicas permitem que, com o passar do tempo, o ouvinte vá tendo a possibilidade de desenvolver competências relacionadas à programação que acompanha.

Outro aspecto que aparece de maneira importante nas narrativas são as modificações ocorridas no consumo do rádio em função das diferentes mediações existentes no decorrer da vida, cada um em um determinado tempo e com alguma razão. A infância é marcada como o período onde a mediação na escuta acontecia pelas escolhas da programação radiofônica realizada pelos adultos. Isso porque, em muitos casos, não era possível nem ao menos tocar no aparelho de rádio.

Os radiouvintes chegam então ao dias atuais, e percebem claramente as transformações decorrentes da passagem do tempo. Transformações que constatarem no rádio, nas suas vidas, no desenvolvimento do mundo e da sociedade. É interessante perceber que, mesmo demonstrando certo saudosismo, relacionado especialmente a programas de rádio que hoje não existem mais e aos quais tinham grande predileção e gosto, os ouvintes não apresentam um discurso repetitivo de que “no meu tempo era melhor”. Eles sim pontuaram o que de melhor havia em outros tempos, mas não demonstraram estar “presos” a um passado. Suas manifestações acontecem de maneira crítica, realizando comparações entre o que o rádio ofertava em outros tempos e as ofertas de hoje. Algumas coisas lhes desagradam, com as atuais músicas, por exemplo. No entanto, outros aspectos são elogiados por eles, como o fato de hoje a divulgação de informações ser muito maior e mais rápida, fato que não acontecia em outros tempos. No caso do futebol, acompanhando via rádio por muitos ouvintes, eles ressaltam o aspecto de que hoje as transmissões são realizadas de maneira muito mais profissional do que em outros tempos, e essa mudança lhes agrada enormemente, pois podem acompanhar, via rádio, praticamente todos os campeonatos de futebol com qualidade de transmissão.

É importante também ressaltar que, durante todo o processo de investigação, um dos maiores desafios foi articular a expressão das memórias gerais de toda uma história



de vida, com a especificidade da memória radiofônica. Um desafio porque quando as pessoas são estimuladas a rever sua história e sua trajetória, independente da perspectiva enfocada, elas realizam uma “viagem” de retorno a tudo o que já viveram. E a memória realiza arranjos próprios, onde não existem departamentos isolados. Sentimentos, fatos, vivências se mesclam. Ao se falar no rádio do passado, foram mobilizadas lembranças da infância, da juventude, algumas lembranças de épocas boas, e outras nem tanto. Uma vez estimuladas, essas memórias emergem de uma maneira conjunta.

Assim, foram fundamentais os recursos metodológicos utilizados no desenvolvimento investigação. Os roteiros de questões, que serviram de apoio para as entrevistas, tinham o objetivo de agregar os elementos que fossem fundamentais para responder as indagações da problemática da tese, mas também servir como um horizonte a ser alcançado. Ainda assim, considerando o foco central da investigação, que foi compreender as configurações da trajetória de escuta e a expressão dos processos de memória radiofônica, em alguns momentos era necessário deixar que as lembranças fossem expressas, tendo elas ou não relação direta com as questões da pesquisa. Para alguns entrevistados, não foi problema ser “guiado” pelos roteiros das entrevistas. Já outros exigiram que tivesse uma dedicação toda especial para, em meio às memórias que ele queria narrar, buscar aquelas da sua vivência com o rádio.

E em meio a tantos desafios encontrados, ficou a riqueza da expressão das múltiplas trajetórias com o rádio. A prática da escuta dos sujeitos investigados passou por inúmeras transformações, mas persistiu, de uma maneira modificada, reorganizada, atualizada. A pesquisa procurou registrar e analisar elementos desse fenômeno constituinte de uma história radiofônica, vivida e construída pelos radiouvintes.

REFERÊNCIAS

BOSI, E . **Memória e Sociedade** – lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.



MARTÍN-BARBERO, J. **De los medios a las mediaciones**: comunicación, cultura y hemonía. Santafé de Bogotá: Convenio André Bello, 1998.

MATA, M. C. **De la cultura masiva a la cultura mediática**. In: Diálogos de la Comunicación. Lima. n. 50 Peru: Editora,. 1999

_____. **Radio: memorias de la recepción** – aproximaciones a la identidad de los setores populares. In. Diálogos de la Comunicación, n 30. Lima, 1991.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos históricos. vol.2,n.3,p.3-15, 1989. http://www.cpdoc.fgv.br/revista/asp/dsp_edicao.asp?cd_edi=15)

SARLO, B. **Tiempo pasado**. Cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión. Buenos Aires: Siglo XXI, Buenos Aires, 2005.